

EVOLUÇÃO

Rafael Alcantara

2011

CAPÍTULO I

Meu nome é Alan. Vou lhes contar uma história que, a princípio, parecerá absurda, mas trata-se de uma história real.

Sempre fui uma criança normal e alegre; tinha vários amigos e gostava de todas as brincadeiras normais da minha idade. Mas eu me sentia diferente. Sempre me senti diferente.

Tudo começou em novembro de 1999, quando eu tinha apenas 11 anos.

Eu morava em Curitiba, num bairro pobre, em uma área de ocupação irregular. A única coisa que gostava no lugar, era a bela chácara que havia atrás de nossa casa, onde, às vezes, eu pulava o muro que a cercava e me embrenhava entre as árvores para passar algumas horas sozinho.

Certo dia, estava indo para casa num fim de tarde, depois de mais um dia chato de aulas na escola municipal. Foi um daqueles dias que é melhor esquecer que existiu. Zero na prova de matemática, um fora da menina que eu gostava, e pra fechar, a surra que levei de um grandalhão que não gostava de mim. Eu mal via o momento de chegar em casa e passar várias horas na frente da TV, me divertindo com meu Super Nintendo, se minha mãe deixasse, é claro. Evangélica e conservadora, ela vivia implicando comigo e falava que

aquilo era coisa do capeta. É claro que eu sabia que não passava de baboseira religiosa e que Deus jamais mandaria alguém pro inferno só por jogar um maldito vídeo game.

Quando estava anoitecendo e chegando à hora de meus pais irem à igreja, minha mãe veio até meu quarto para tentar me convencer a acompanhá-los e, pela milionésima vez naquele ano, eu recusei o convite. Ela, como de costume, foi extremamente cruel em minha punição por me recusar a ser um filho obediente: confiscou meus cartuchos de vídeo game e levou-os consigo em sua bolsa. Nada poderia ser pior. Então, para completar o fatídico dia, só me restava passar a noite toda sozinho assistindo a maldita TV.

Aproximadamente, às 20h30min, eu estava deitado no sofá vendo um programa sem graça, perdido em meu tédio. Apesar de ser criança, eu sempre achava a TV algo supérfluo e nunca tive grande interesse na programação em geral. O programa foi para o intervalo e, ocasionalmente, virei meus olhos para a janela, a fim de ver como estava a noite lá fora. Quando vi o que estava do outro lado do vidro, meu mundo parou. Atônito, me sentei no sofá e semicerrei meus olhos para me certificar melhor do que via. Quando consegui focalizar melhor a figura que estava a meio metro do vidro, do lado de fora da casa, por entre a escuridão, todos os pelos do meu corpo se eriçaram. Tive a sensação de terem colocado o Alasca dentro do meu estomago. O gelo se tornou quente, mais abaixo, quando minha urina começou a sair sem que eu pudesse controlar, tamanho o susto que levei. Eu não podia estar errado! Não era uma alucinação! Aquilo estava ali parado a, no máximo, dois metros de distância de mim. E o que é pior: estava me fitando incisivamente. Meu coração estava quase rasgando meu peito de tão forte que pulsava. Como um autômato, me levantei e fui rapidamente para meu quarto. Me escondi em minha cama, debaixo das cobertas, e comecei a orar freneticamente à Deus para que ele não permitisse que aquela

criatura me fizesse mal.

Estava me encarando! Pensei.

Era igual aos mostrados nos filmes de ficção científica. Tinha uma cabeça enorme, pescoço fino, o tronco pouco definido e delgado, não se percebia boca nem nariz e era, melancolicamente, cinza. Porém, o mais perturbador naquela criatura eram os grandes e penetrantes olhos negros em forma de elipse, que me olhavam como se esquadrihassem minha mente.

Não consegui dormir naquela noite. Quando amanheceu, meu mundo pareceu diferente. Tudo estava parecendo surreal, me senti envolvido por um clima estranho. Meus movimentos pareciam automáticos. Estava mergulhado de forma tão profunda em meus pensamentos, que mal sentia meu corpo e quase não me importava quando alguém falava comigo. Eu estava experimentando, pela primeira vez, algo que só os grandes mestres experimentavam: o estado de concentração total. Eu não estava mais em meu corpo. Minha mente me dominara.

Os dias decorrentes foram uma incógnita para mim. Pesadelos que nunca mais me abandonariam, sensação de êxtase, medo, vergonha, apreensão. Essas são só as sensações que consigo descrever. As outras sensações foram mais perturbadoras, impossíveis de distinguir se foram reais ou apenas sonhos.

Jamais falei sobre o caso a ninguém.

Nos meses subsequentes eu não conseguia tirar o fato da mente.

Nunca mais voltei à chácara. Pensava várias horas seguidas sobre o que aconteceu naquela noite. Tentava imaginar o porquê de uma criatura evoluída como aquela, estar ali, parado em frente à janela da minha casa, e ainda por cima, me observando.

Por que eu?

Um ano após o fato, eu já estava em depressão profunda. Tinha me isolado do resto do mundo. Não gostava de fazer amigos; não fazia questão de manter os que eu já tinha. Fechei-me em meu intelecto.

Com 13 anos, já sentia - e sabia - que era diferente de todos. Não acreditava em tudo que me falavam, apesar de ter uma mente extremamente aberta. Comecei a meditar profundamente sobre tudo que me rodeava: vida, morte, bem, mau, religião, dogmas, regras, sexualidade, e para tudo eu tinha minha própria teoria e modo de pensar. Eu não era como as outras crianças da minha idade que aceitavam tudo o que os adultos impunham como sendo o correto e verdadeiro, porque eu sabia que era superior a grande maioria dos adultos. Mesmo com a pouca idade, eu já era ateu convicto. Não tinha medo de fazer “testes” de invocação para provar a mim mesmo que minhas teorias sobre a inexistência divina eram corretas. Também mantive meu ateísmo em segredo, para evitar complicações. Eu sabia que se contasse que era ateu, teria muitos problemas. Sofreria preconceito dos alunos da escola, dos futuros patrões e colegas de trabalho. Sofreria preconceito até mesmo dos

meus familiares mais próximos. Minha vida se tornaria um caos.

Já com 14 anos, estava pensando mais do que nunca em coisas importantes e sobre as características da vida como um todo. Formava teorias sobre fatos e acontecimentos que só os filósofos atreviam-se a fazer. Só posteriormente, acessando a internet e fazendo as devidas pesquisas, descobri que minhas teorias são semelhantes, ou superiores, às que grandes pensadores tinham desenvolvido após muitos anos de pesquisa e meditação. Também me tornei vegetariano. Não que eu não gostasse de carne, eu adorava carne, mas sabia que uma criatura evoluída não deveria se alimentar de outros seres vivos, a menos que houvesse a necessidade, caso contrário, seria um ato primitivo.

Fanatismo religioso, mentiras, injustiça, crueldade, traição. Esses foram alguns dos motivos que me fizeram ter aversão à raça humana. A verdade, nua-e-crua, era que eu não gostava de gente. Tinha ódio, nojo... medo... dó. Tracei como meta de vida ser diferente dos outros. Ser perfeito. E estava conseguindo.

As pessoas são acostumadas a achar que para ser um intelectual ou um grande ser humano, é necessário ter um alto QI e ser inteligentíssimo em alguma área da ciência. Ser um cientista brilhante ou um intelectual de invejável inteligência, não significa, nem de longe, que a pessoa está próxima da perfeição ou de ser um humano melhor.

TODA pessoa poderia ser incalculavelmente superior, em todos os sentidos de sua existência, se reavaliasse um único ponto crucial em seu modo de vida: o preconceito. O maior mau da raça humana!

O preconceito, infelizmente, está enraizado na mente das pessoas de uma forma quase tão consistente quanto o diamante. Ele tem diversas vertentes e todas elas destroem a humanidade, cada uma de sua forma, mas sempre de forma covarde.

O preconceito racial, que foi o grande causador da miséria africana, quando, na época da escravidão, o continente teve grande parte de suas riquezas naturais roubadas e, como se isso já não bastasse, os habitantes eram simplesmente sequestrados de seu lugar de origem para serem escravos na Europa e nas Américas. Fico imaginando quantas auspiciosas crianças negras não puderam se tornar grandes cientistas, médicos, biólogos, arquitetos ou engenheiros, por falta de oportunidades; pela falta de universidades em seu continente ou pela má aceitação que têm nos países que foram o destino de seus antepassados, mesmo contra suas vontades.

O preconceito contra o sexo feminino que, da mesma forma que com os negros, impediu que grandes mulheres, também com muitos augúrios e grande potencial, ingressassem em universidades e ajudassem a construir um mundo melhor com toda sua sensibilidade para os pequenos detalhes da vida.

O preconceito contra os animais inferiores que tanto causou, e ainda causa, a extinção de incontáveis espécies. Espécies que, quem sabe, poderiam ter nos ajudado a achar, ou conter em seus códigos genéticos, a cura para várias doenças que nos assolam. E tudo isso, apenas para tê-los forrando elegantemente os bancos de nossos automóveis, estampando nossos casacos, ou tê-los, apetitosa e desnecessariamente, servidos em nossos pratos como iguarias.

O preconceito intelectual, que nos impede de ensinar pessoas desprovidas de estudo ou que, simplesmente, não tiveram a oportunidade de chegar ao conhecimento. E isso, apenas porque nos achamos superiores a tais pessoas. O que torna um médico superior a um carpinteiro? Nada! Nem mesmo seu diploma!

E o pior de todos os preconceitos: o religioso. Este, por sua vez, impediu, e ainda impede, a humanidade de evoluir, além de ter sido o motivador de centenas de massacres e de guerras em várias épocas.

O preconceito religioso fecha a mente das pessoas e as deixa estagnadas no tempo, esperando apenas o prometido paraíso ou aguardando que o destino tome as rédeas de sua existência, impedindo-as de formarem projetos de vida mais grandiosos e fazendo-as repelir qualquer ideia oposta a delas.

A mente das pessoas é impregnada de inúmeros outros preconceitos que, quase sempre, nem elas mesmas percebem. A pessoa que conseguir se livrar de todo e qualquer preconceito, estará a meio caminho andado para a perfeição e de atingir o próximo nível de evolução da raça humana.

Desses males, eu sentia orgulho de não sofrer mais.

Aos 17, eu já havia ultrapassado o fino limite entre a loucura e a genialidade. Eu era mais que um louco. Eu era muito mais que um gênio. Eu era a evolução do homo sapiens.

Passei anos pesquisando ufologia para tentar descobrir por que aquilo tinha acontecido comigo, alguns anos antes. Tudo o que achei na internet sobre o assunto era meio incerto, tendencioso e especulativo. Não dava para confiar na maioria das informações disponíveis. Esse é o assunto mais polêmico e obscuro de todos os tempos. É normal que as pessoas que se arrisquem a falar sobre ele, tenham obtido informações de fontes “não confiáveis”. Eu teria que seguir meu próprio caminho se quisesse respostas.

Várias teorias passaram pela minha cabeça para explicar a vida extraterrestre. É fisicamente possível que existam, mas, se forem levadas em conta as complicadíssimas equações que calculam a potencial existência de outra civilização inteligente, e a capacidade dela de ter tecnologia para chegar até nós, vencendo as colossais distâncias do universo, é bem improvável que cheguem a nos visitar.

Mas, o que era aquilo que apareceu na minha janela, senão um extraterrestre? Estava a apenas dois metros de mim. Não havia margem para um engano visual e, com certeza, não fora uma alucinação!

No fundo da minha mente, eu sabia a resposta para a questão.

Em outubro de 2009, já com 21 anos, após uma década evoluindo vertiginosamente de diversas formas e tentando obter algum contato com os seres, minha busca acaba da forma mais surpreendente possível.

Eu gozava de minhas férias trabalhistas e, apesar de ser inverno, resolvi passar alguns dias no litoral catarinense para sair da rotina e respirar novos ares.

Era uma noite maravilhosa e estrelada. Não iria perdê-la na frente do computador fazendo pesquisas como de costume, além do mais, era o meu último dia no litoral. Pela manhã, eu retornaria para casa.

Eu não caminhava muito, mas me senti quase forçado a sair para olhar o belo céu e o mar naquela linda noite. Isso sempre me ajudava a abrir a mente.

Por volta das 23h00min, sentei na areia, de frente para o mar agitado, a fim de descansar um pouco para a caminhada de volta. Aproximadamente 500 metros, no horizonte, vi uma estrela enorme, que, no mesmo instante, prendeu minha atenção. Não era uma estrela comum. Senti um gelo na espinha quando ela, lentamente, começou a se mover. Estava vindo em minha direção, deslizando pelo ar a uns 50mt de altura, sobre o oceano. Estava cada vez mais perto. Apesar da minha preparação e de meus ensaios para aquele tão esperado momento, senti minhas pernas amolecerem, incapazes de me tirar dali. Incapazes de me fazer fugir.

Estava acontecendo de novo!

A esfera foi ganhando tamanho. Comecei a distinguir algumas variações de cores. Tons de luz azul, vermelho e verde, misturavam-se enquanto emanavam do orbe. O objeto aproximava-se devagar, como se não quisesse que eu fugisse. Eu já fugi uma vez. Mas agora

não. Não iria fugir novamente.

Eu começava a perceber alguns contornos metálicos. Vigias! A nave já estava a uns 30 metros de mim. Era do tamanho de um ônibus e oval, além de extremamente lisa e lustrosa. As luzes da nave foram perdendo a intensidade. Ela não fazia barulho, mas, mesmo assim, eu já não ouvia mais o brado da arrebentação, o silêncio era perturbante. Naquele momento, me senti paralisado. O incrível aparelho aproximou-se cada vez mais de mim, até que ficou completamente sobre minha cabeça.

Após alguns segundos, que me pareceram uma eternidade, um poderoso fecho de luz, extremamente brilhante, saiu da parte inferior da nave e me envolveu. No mesmo instante, não senti mais meu corpo. Foi como se ele tivesse perdido completamente sua massa. Um segundo depois, percebi que estava flutuando lentamente em direção à nave.

A realidade dos fatos me acometeu como um forte soco no estômago. Naquele momento, a ficha caiu.

Era uma abdução.

Instantes depois, minha visão escureceu e meus sentidos me abandonaram.

Breu total.

CAPÍTULO II

Acordei aturdido sobre uma mesa dura, aparentemente de metal, bem no centro de uma sala quadrada e extremamente iluminada, que parecia ser 100% estéril, livre de qualquer fragmento de sujeira. Com muita dificuldade, consegui me sentar. Meu corpo doía como se eu tivesse sido espancado por uma multidão enfurecida. Procurei por alguma porta ou janela para me localizar, tentar descobrir onde eu estava, mas não encontrei nada. A sala parecia ser feita de uma única peça de metal, sem emendas.

Um leve movimento na parede à minha frente chamou minha atenção. Um pedaço dela começou a se mover para o lado, transformando-se em uma porta.

– Mas era uma parede sólida!?

Conforme a porta se abria, uma figura do outro lado foi se revelando, parecendo-me bem familiar e trazendo velhas lembranças, inclusive, velhos medos.

– Não se preocupe. – Disse, em um português alto e claro, o pequeno ser de aproximadamente 1m e 50 cm. – Nós não lhe faremos mal.

Apesar do medo, fiquei meio confuso, afinal, ele não mexeu a boca para falar e o som me pareceu bem próximo. Telepatia?! Senti certa tranquilidade ao ouvir aquela serena, mas potente, voz.

– O que querem comigo? – Indaguei, tremulamente.

– Está na hora de começar sua missão, Alan. É por isso que está aqui.

A criatura se aproximou alguns passos e pude perceber melhor seus traços faciais que eram bem pouco delineados.

– Me acompanhe. Eu lhe darei respostas para as perguntas que estão em sua mente agora. Eu sou o comandante da nave. Pode me chamar de Eeron.

Com certa dificuldade, apoiei meus pés no chão e me levantei. Eeron veio até mim e segurou minha mão com delicadeza e respeito para conduzir-me.

Andamos por um curto corredor e, ao chegarmos a outra sala, notei mais três seres iguais sentados em cadeiras que não evidenciavam conforto. Pareciam digitar comandos em um painel totalmente negro. Logo acima, na parede, localizava-se uma grande tela negra em

forma oval, que mostrava alguns símbolos incompreensíveis. A sala era igualmente iluminada, assim como a anterior, mas esta não era quadrada, era semi-oval, assim como um sabonete cortado ao meio com uma faca. A tela ficava na parte oval, que era a oposta à porta por onde entramos.

Quando nos aproximamos, os três seres, que eram idênticos ao primeiro, se levantaram e se dirigiram para uma parede lateral, onde outra porta acabara de materializar-se. Agora eu estava a sós com Eeron.

– Pode começar com as perguntas .– Disse-me ele. – Terei grande prazer em sanar todas as suas dúvidas.

Realmente, eu tinha uma avalanche de questões a fazer, mas eu sabia que a resposta para a maioria delas, eu já tinha na ponta da língua há vários anos, e alguma coisa me dizia que aquele ser também sabia disso. Mesmo assim seria bom ter uma confirmação, então comecei o interrogatório.

– Quem são vocês?

– Nós somos o mesmo que você, Alan. Somos a evolução do ser humano. Viemos do futuro.

Eu estava certo! Aquilo eu havia pensado quando tinha 15 anos, ao ler em um site da deep web - a internet “proibida”- um artigo sobre viagens no tempo e sua aplicabilidade. O pseudo-físico responsável pela matéria, deixava bem claro que, levando-se em conta as leis da

física, era possível a construção de uma máquina capaz de viajar no espaço-tempo, tanto para o passado, quanto para o futuro. Embora a tarefa de construí-la fosse extremamente difícil, e com a atual tecnologia, impossível. O estalo em minha mente veio quando li os comentários dos internautas no fim da matéria. Um indivíduo garantia categoricamente: “Viagens no tempo são impossíveis! Se elas fossem viáveis, já estaríamos recebendo visitas de pessoas do futuro, mas isso não acontece!”

A princípio, parecia uma afirmação válida. Pensei um pouco sobre o assunto e logo cheguei à conclusão de que ele estava redondamente enganado. Quem disse que não estamos recebendo visitas de pessoas do futuro? Aquilo pareceu tão óbvio que me criminalizei por não ter pensado antes. Eu havia resolvido dois grandes problemas - óvnis e viagens no tempo - com apenas uma teoria.

Que os óvnis existem, isso é inegável, diante todas as provas áudio-visuais, materiais e dos milhões de depoimentos sobre o assunto, inclusive, de pessoas importantes e poderosas. Que viagens no tempo eram teoricamente possíveis, também não se tinha dúvidas. Mas, como seres de outro planeta venceriam distâncias, que mesmo à velocidade da luz, levariam milhares, e até milhões de anos para serem alcançadas? E se viajar no tempo é possível, por que não recebemos, então, visitas de pessoas do futuro? Essas duas questões se respondiam com a mesma resposta: óvnis existem, mas não são de origem extraterrestre. Óvnis são máquinas humanas capazes de viajar no espaço/tempo. São humanos evoluídos nos visitando.

- Se vocês são humanos, por que são tão diferentes fisicamente?
- Mais uma pergunta que eu já sabia a resposta.

– Esse é apenas um corpo artificial que abriga nossa mente. Um corpo que, apesar de aparentar fragilidade, é quase indestrutível e não se degrada como o corpo biológico que possuíamos. Com esse corpo somos capazes de viver o quanto quisermos. Somos imortais.

Qualquer pessoa que fosse razoavelmente informada sobre tecnologia, sabia que o ser humano estava cada vez mais dependente das máquinas para sobreviver.

Desde a antiguidade nós nos valemos de mecanismos artificiais para facilitar nossas vidas. Começamos com ferramentas que nos ajudavam a caçar, quando ainda morávamos em cavernas. Construímos óculos, telescópios e microscópios que nos faziam enxergar melhor; aparelhos auditivos que nos cediam ouvidos artificiais; próteses para nossos membros amputados; máquinas que faziam o serviço pesado por nós; veículos que nos transportavam para qualquer lugar do globo em poucas horas; computadores que pensavam por nós e, mais recentemente, implantes cerebrais que nos faziam ter uma memória inumana e projetos em desenvolvimento para transportar a mente humana, ou seja, todas as informações contidas em nosso cérebro, por completo, para um corpo totalmente artificial.

A medicina também tentava prolongar nossa longevidade por outros meios como a clonagem e o uso de células tronco. Porém, por mais que a medicina se esforçasse para acabar com as limitações corporais humanas, era óbvio que o corpo biológico não poderia competir com a perfeição de um corpo robótico indestrutível, construído sob medida.

Era certo que, um dia, abandonaríamos nosso primitivo recipiente corpóreo e abrigaríamos a única coisa que nos diferencia dos outros animais – nosso intelecto – em uma armadura perfeita e imortal. Era só questão de tempo.

Eeron sentou-se em uma das cadeiras e sugeriu que eu fizesse o mesmo. Já me sentia mais confiante e relaxado com tudo o que estava acontecendo. O medo tinha ido embora juntamente com toda sua irracionalidade.

– Entre 2035 e 2045, aconteceu nossa singularidade tecnológica. – Continuou. – Alguns fatos e inventos desencadearam outras criações ainda maiores e acabaram tornando a tecnologia uma verdadeira bola de neve que crescia absurdamente rápido. Mas os principais quesitos para que a singularidade acontecesse foram dois: o avanço da nanotecnologia e a queda das religiões.

Eeron parecia escolher bem as palavras para que eu não me perdesse, mas aquele assunto era tão claro pra mim quanto uma simples conta de adição. Continuou com as explicações:

– Quando a nanotecnologia foi capaz de tornar o ser humano super inteligente, através de implantes cerebrais que aumentavam a capacidade de raciocínio e de armazenamento de memórias, podendo-se transferir o conteúdo de uma biblioteca inteira para o cérebro de uma pessoa em questão de segundos, os “super-humanos” começaram a aparecer. Com informações de diversas áreas da ciência colocadas no mesmo cérebro, unidas com a típica imaginação da nossa raça, as invenções grandiosas que antes pareciam impossíveis, começaram a pipocar. Problemas, antes irresolutos, começaram a ser desvendados em poucas horas. Em

pouquíssimo tempo, os avanços tecnológicos foram capazes de nos conceder a tão sonhada imortalidade.

– E é aí que entra a queda das religiões. – Comentei, cada vez mais interessado no assunto.

Eu sabia que o único motivo pelo qual as religiões eram tão poderosas e haviam se espalhado por todas as civilizações humanas e em todas as épocas, era por que ela oferecia aquilo que nós mais desejávamos desde os primórdios tempos: a vida eterna.

Todos temiam morrer e simplesmente desaparecer... acabar. Quem não gostaria de morrer e continuar existindo eternamente, em um paraíso onde só há felicidade? Era isso que todos queriam e que só a religião poderia dar.

Eeron tentava explicar da melhor maneira possível, para que eu compreendesse tudo.

– Quando a ciência provou que nós podíamos ser imortais, muita coisa mudou no mundo e na mente das pessoas. Mas o golpe final, o que decretou quase por completo o fim das religiões, que já estavam fragilizadas, foi quando começamos a reviver pessoas que estavam congeladas há décadas em câmaras criogênicas.

Não pude esconder minha surpresa. A criogenia era um detalhe que eu ainda não havia pensado. Como seria se revivêssemos pessoas mortas? Eu estava prestes a descobrir.

– As pessoas revividas, alegavam que tudo era como se tivessem apenas dormido e depois acordado. Sem sonhos. Sem paraíso. Sem... Deus. Nada viram de espiritual ou sobrenatural enquanto estavam mortos. Estava provado: não havia paraíso! As religiões entraram em decadência total. Sem os dogmas e sem as rédeas da religião, a humanidade estava unificada em um só pensamento: EVOLUIR.

É incrível que isso tudo tenha acontecido num curto espaço de tempo. – Pensei. – Coisas que as pessoas com a mente fechada jamais imaginariam ser possíveis, eram reais: viagens no tempo, imortalidade, o planeta unificado, a queda das religiões. Só as mentes mais visionárias pensaram nisso no passado, e só os “anormais” acreditavam que isso aconteceria.

Só o fato de ser possível viajar no tempo – tanto para o passado, quanto para o futuro – já abre um leque infinito de possibilidades. Imagine então, ser imortal.

CAPÍTULO III

Achei graça em algumas lembranças que começaram a aparecer em minha mente.

Lembrei de um cara chamado John Titor. Um maluco que apareceu na internet alegando que viera do futuro. Claro que, no mesmo instante, foi taxado de debilitado mental, imbecil e outros adjetivos esdrúxulos. Talvez por raiva ou simplesmente para calar a boca de quem duvidara dele, Titor colocou na internet os projetos e algumas fotos do seu mítico aparelho. Para espanto de muitos, os projetos eram extremamente detalhados e corretos, algo que só um grande físico/engenheiro seria capaz de produzir. E o mais incrível, ele chegou a descrever como seria um “worm hole”, antes mesmo dos cientistas descobrirem a possível existência dessas passagens entre pontos do universo e talvez até dimensões. Certo dia, Titor disse que retornaria para sua época de origem.

Nunca mais se teve notícias dele.

Não perguntei sobre John Titor à Eeron, mas algumas outras questões não pude deixar de fazer:

– Quer dizer que alguns de vocês viajaram para o passado e fizeram contato com nossos primitivos ancestrais?

– Sim. Quando viagens no tempo ainda eram novidade, as pessoas brigavam para escolher o próximo destino. Uns queriam ver os dinossauros; outros queriam se comunicar com neandertais; outros desejavam voltar e assassinar Hitler; alguns preferiam voltar e salvar Elvis.

– Imagino o pandemônio que deve ter sido na época.

– Era um jogo muito perigoso. Não se sabia, ao certo, até que ponto poderíamos mudar o passado para melhorar o futuro sem correr grandes riscos. Regras rigorosíssimas foram criadas, e ainda são, para que o mundo não entrasse, ou entre, em colapso devido às mudanças feitas no passado. Mas o legado de nossa raça é que só aprendemos com nossos erros. E vários foram cometidos.

Eu sabia quais eram esses erros.

Muitos desses viajantes do futuro fizeram contatos com civilizações ancestrais e da idade média. Foram retratados em centenas, talvez milhares, de pinturas rupestres em cavernas espalhadas pelo mundo. Em outras épocas, alguns se deixaram até ser fotografados em meio a aglomerações de pessoas. John Titor, por sua vez, chegou a expor os projetos de sua nave, correndo o risco de parar em mãos erradas e sendo alvo até de investigação por agências secretas. Uma pessoa chegou a enriquecer facilmente fazendo aplicações arriscadas nas bolsas de valores. Foi preso e passou por investigação para saber como ele realizara aqueles feitos.

Milhares de artefatos tecnológicos foram encontrados em épocas não condizentes. Um crânio que foi furado à bala, a mais de 40 mil anos. O crânio de um homem moderno datado de mais de um milhão de anos. Diversos artefatos metálicos complexos, datados de épocas em que o homem ainda não produzia nem peças feitas em pedra. Um cordão de ouro encontrado cravado em uma rocha datada de, no mínimo, 320 milhões de anos. Uma pegada de sapato fossilizada em uma rocha com mais de 213 milhões de anos, deixando bem claro

que uma pessoa caminhará por ali. Incríveis construções megalíticas feitas a milhares de anos por desprovidos de intelecto para tais realizações; cortes precisos feitos em rochas que, mesmo com a atual tecnologia, teríamos dificuldade em reproduzir.

A lista era interminável.

Todas essas pistas deixadas e a humanidade se recusa a acreditar no óbvio. O mundo não é tão simples como imaginamos, é muito mais excitante!

É claro que o sistema tem grande culpa sobre a incapacidade da população de meditar como antigamente. Antes da mídia e seus programas de entretenimento, que mais parecem sistemas completos de lavagem cerebral e desinformação, as pessoas tinham tempo de sobra para pensar na vida e suas questões. O tempo ocioso que as pessoas possuíam era importantíssimo para o crescimento pessoal e planejamento do futuro, se bem aproveitado, é claro.

Como as pessoas vão pensar e rever seus credos, seus planos de vida, suas opções sexuais, seus preconceitos, seus medos, se são felizes ou não, se não possuem mais tempo para tais questionamentos tão importantes para a vida? O mais perturbador, é que as pessoas se acostumaram a ter seu tempo completamente preenchido. Se alguém tem meia hora livre, logo trata de ocupá-la com banalidades como ligar a TV ou o rádio, ou pegar o celular para jogar aquele joguinho sem sentido, ou quando ligam o computador e vão direto visitar suas redes sociais sem atualizações e nem se dão conta de quão poderosa para o aperfeiçoamento pessoal, é a ferramenta que está a sua frente: a internet. Se as pessoas

reaprendessem a meditar nos momentos ociosos da vida sem tentar preenche-los com atividades dispensáveis, a sociedade poderia evoluir bem mais rápido.

Eu começava a perceber que todo aquele tempo que dediquei às pesquisas e aperfeiçoando o intelecto em mim, através de muita meditação, tinham valido à pena. Eu estava vivenciando uma situação desejada por muitos, mas que com certeza, poucos tiveram a mesma chance. Por que eu? Nem cientista eu sou. Que missão eu poderia ter? As coisas não estavam fazendo sentido. Meus neurônios se esforçavam em fazer seu trabalho mas, mesmo assim, eu não compreendia como poderia ajudar aquelas pessoas tão evoluídas.

– Por que me trouxeram aqui? Por que apareceram em minha janela quando eu tinha apenas 11 anos? Estragaram minha adolescência! Não era justo fazer isso com uma criança.

– Você precisava evoluir, Alan. Sabíamos que se você visse um de nós naquela fase tão indagadora da vida humana, sua mente se abriria para a verdadeira realidade do mundo. Existem pessoas brilhantes em todo o planeta, mas enquanto elas não tiverem um empurrãozinho, elas viverão como pessoas normais, sem se dar conta de que são pessoas com um grande potencial.

– Então esse é o trabalho de vocês? Procurar por mentes brilhantes em todas as épocas da história? E com qual intuito?

Naquele momento, a porta se materializou novamente na parede atrás de nós. Mais um dos humanos do futuro entrou na sala e disse:

– O intuito mais nobre de todos, Alan.

– Junte-se a nós – falou Eeron, para a outra figura misteriosa. – Chegou em um momento apropriado.

O ser sentou-se na cadeira ao meu lado. Senti, no mesmo instante, que se tratava de alguém especial. Sua presença emanava um ar poderoso e de sabedoria. Não era nada sobrenatural. Talvez fosse apenas o poder de sua mente se comunicando com a minha.

– Esse é Aristarco de Samos – Disse Eeron.

Agora a confusão estava formada em minha cabeça.

Como todo amante de astronomia, eu conhecia bem a história de Aristarco de Samos. Aristarco (320 a.C. – 250 a.C.) nasceu em uma época dominada pelo geocentrismo, onde todos acreditavam que o universo girava em torno da Terra, e não ao contrário, como é o correto. Criou-se, a partir dos estudos de Aristarco, o modelo heliocêntrico, em que a Terra girava em torno do Sol, o que revolucionou a astronomia para sempre. Mas a teoria de Aristarco, talvez por ser evoluída demais para as pessoas daquele tempo, foi rechaçada pelos astrônomos da época e não teve a merecida atenção, ficando esquecida. Apenas muitos anos mais tarde, Nicolau Copérnico e Galileu Galilei, chegaram às mesmas conclusões que ele havia chegado, há tanto tempo atrás. Aristarco de Samos tinha uma visão de mundo que estava quase 2.000 anos à frente de sua época e, evidentemente, tinha meu respeito por isso.

Mas, se ele viveu antes mesmo que Cristo, como ele poderia estar ali sentado ao meu lado? Provavelmente ele também foi procurado por esses seres como está acontecendo comigo agora. Era a única explicação.

– E qual é esse nobre intuito? Essa nobre missão? - perguntei.

– Nós somos os cirurgiões do tempo, Alan – Aristarco fez um longo silêncio para que eu pudesse digerir aquelas palavras, depois continuou. – Nós viajamos por entre as eras, buscando pessoas como você, e cuidando para que o paradoxo temporal da causa-e-efeito não seja afetado por pessoas que não compreendem seu risco.

Eu já havia lido sobre o paradoxo temporal e suas possíveis complicações para a humanidade. Ele consistia da ideia de que, se uma pessoa modificasse alguma coisa errada no passado, isso poderia ocasionar graves mudanças no futuro. Como, por exemplo, se alguém mal intencionado viajasse para um período anterior à segunda guerra mundial e passasse a “fórmula” da bomba atômica à Hitler, o futuro poderia sofrer alterações catastróficas.

Realmente, as possibilidades eram infinitas. Um simples fato modificado no passado poderia afetar drasticamente o futuro da humanidade, tanto para o melhor, quanto para o pior. Aquele era um jogo arriscadíssimo, e eu não estava gostando da ideia.

– E com qual direito vocês interferem na vida das pessoas? Eu não lhes dei permissão para aparecerem na minha janela e perturbarem minha mente. E se eu quiser ser uma pessoa normal que nasce, vive

e morre, sem a interferência de vocês?

– Você tem todo o direito de escolha, Alan. É por isso que você está aqui. – Disse-me Eeron.

– Mas não é justo! Vocês já sabem minha escolha. – Retruquei, com o orgulho ferido.

– Quando nós te escolhemos, já sabíamos que você diria sim. Você é assim. Jamais recusaria uma oportunidade dessas como eu não recusei no passado. – Falou Aristarco.

– E se eu resolver mudar de ideia agora e escolher voltar para minha vida normal? Vocês não podem interferir em minha escolha!

Os dois me fitaram com um olhar de vitória, mas também de compadecimento.

As palavras que Eeron me disse depois, me chocaram de maneira indescritível.

– Estamos lhe dando a chance de viver eternamente, Alan. Se você seguir sua vida, ou se preferir, seu “destino”, você morrerá amanhã, quando estiver voltando para casa. O pneu do seu carro irá estourar fazendo com que ele perca o controle e sofra uma capotagem. Será fatal. E isto, infelizmente, nós não podemos modificar. Sua única chance é se juntar a nós.

Eu estava perturbado. Aquilo significava que eles já tinham visto como seria minha vida. Meu fim. Estavam esperando o momento certo para virem até mim. De qualquer forma, eles realmente tinham me deixado viver até as últimas horas da minha vida, que se acabaria no dia seguinte. O que viesse a partir de agora seria lucro. Cabia a mim aceitar ou não esse “lucro”. Provavelmente, Aristarco passara pela mesma experiência, a mais de dois mil anos atrás, um dia antes de sua morte. Eu estava começando a compreender o significado de tudo aquilo. Mesmo assim, não deixava de ser um jogo extremamente arriscado.

– Nós precisamos de você mais do que imagina, Alan – Aristarco falava comigo como se me conhecesse há centenas de anos. – Nós devemos cuidar de nossa raça e do nosso planeta, interferindo o mínimo possível no desenrolar da história. Nós temos tecnologia para isso, então devemos usá-la. Faz parte da evolução. É inevitável.

Eu sempre me perguntei onde iríamos parar quando chegássemos ao ápice de nossa tecnologia. Será que devíamos construir tudo o que pudéssemos construir? Ou fazer tudo o que pudéssemos fazer? Será que o simples saciar da curiosidade vale à pena? Com certeza, o primeiro homem na história que colocou a mão no fogo para ver no que dava, acha que não. E sem dúvida, uma máquina capaz de fazer viagens no tempo é uma grande fogueira.

CAPÍTULO IV

A missão dos seres, aparentemente, é impedir que algum cientista ou inventor se entusiasme excessivamente e crie algo que afete o futuro da humanidade de forma negativa, ou que algum viajante do tempo cause mudanças no passado. Essa também seria minha missão a partir de agora. Eeron estava certo. Eu jamais perderia uma oportunidade dessas: ajudar a humanidade e também impedir que ela destruía o planeta.

Mas havia uma peça fora ordem nesse quebra cabeças.

– Mas, se a intenção é impedir que o mundo se destruía, ou simplesmente fique pior por causa de alguma invenção que não deveria ter sido criada, ou alguma decisão mal tomada, enfim, por erro de alguém, isso só poderia ser feito no futuro, após a criação da máquina, certo? Afinal, se algo de tão ruim tivesse acontecido antes da sua criação, não teríamos capacidade nem para tê-la criado. Seria outro paradoxo!

– Nada de tão mal aconteceu antes da criação da máquina – respondeu Aristarco –, mas passou a acontecer depois que ela foi criada.

Senti um calafrio desagradável. Logo me passou pela cabeça

inúmeras coisas perigosas que poderiam acontecer com a criação de algo tão poderoso como um equipamento capaz de distorcer o tempo e mudar ações realizadas em épocas remotas.

– Quando a primeira pessoa foi capaz de viajar no tempo, as dimensões entraram em colapso por motivos que ainda desconhecemos. Universos paralelos foram criados dentro do nosso próprio universo, coexistindo entre si e trocando informações aleatoriamente. Imagine duas bolhas de sabão, uma dentro da outra, e quando elas se tocam uma parte do material que as compõe acaba passando de uma para outra. É assim que acontecem essas trocas de informações nos universos.

Aristarco pareceu hesitar como se tivesse parcela de culpa por alguma coisa que tivesse acontecido ou, talvez, estivesse apenas com pena por ter que me passar aquelas informações desagradáveis.

Foi Eeron quem continuou a me explicar sobre as expiações do futuro, que também eram as do passado:

– É como se a vida de uma pessoa passasse para outro universo, dimensão ou época no tempo, num piscar de olhos, sem que nem ela mesma percebesse. Ou, em hipóteses mais extremas, como se uma explosão nuclear ocorrida em outra dimensão, de repente, acontecesse aqui onde estamos agora. A troca de informações entre os universos paralelos é muito rara, acontecendo apenas quando alguma das suas extremidades se tocam e, às vezes, pode ser até vantajosa.

Troca de informações entre dimensões diferentes parece ser algo extremamente perigoso e difícil de controlar – Pensei. – Talvez a missão desses homens seja mais complicada do que eu imaginava.

– Para que essa dimensão em que vivemos não seja drasticamente alterada, temos de controlar, com precisão atômica, tudo que sai e tudo que entra nas eras antecessoras à construção da máquina. O estrago fora feito e é irremediável. Apenas podemos aplicar curativos. – Concluiu Eeron.

– Quer dizer que agora o tempo precisa ser eternamente monitorado?

– Infelizmente, sim.

Apesar das revelações catastróficas que recebi, a excitação estava causando reações em meu corpo que jamais imaginei que fossem possíveis. Pela primeira vez em dez anos, eu estava sentindo a felicidade novamente. A adrenalina estava sendo liberada em minha corrente sanguínea como nunca acontecera antes. Agora poderei conhecer e fazer coisas que sempre desejei, ir a lugares extintos, conhecer pessoas que já morreram há centenas de anos, entre outras coisas incríveis. Terei tempo para conhecer toda a história humana e estudar todos os assuntos que me interessam. Não há mais limites. Eu posso ser tudo.

Novas lembranças vieram à minha mente. Lembrei, por exemplo, que sempre tentei imaginar como seria o futuro. Como seriam as construções, as cidades, a tecnologia, os costumes, as pessoas? Agora eu poderia descobrir se meus prelúdios futurísticos estavam

corretos da maneira mais espetacular e inacreditável que se possa imaginar para algo do gênero. Eu estarei lá "in loco".

Não precisei dizer palavra, para que Eeron, o comandante daquela espetacular nave, se levantasse e se dirigisse para o painel de controle.

– Para onde você quer ir primeiro, Alan?

Varias imagens passaram pela minha cabeça, desde o período pré histórico, até os tempos atuais. Com certeza, eu teria muito tempo ainda para conhecer o passado, mas o que realmente me fascinava, era o futuro.

Pedi para que Eeron me levasse até a época que foi crucial para a humanidade, a época em que começou a singularidade tecnológica, o que segundo ele, aconteceu entre 2035 e 2045.

Ele digitou alguns comandos no painel e a grande tela acima se abriu e se transformou em uma janela panorâmica. Um lindo céu estrelado, como eu nunca tinha visto antes, se revelou do lado de fora. Parecia que se podia tocar nas estrelas. Levantei-me e me aproximei de Eeron. Quando estava diante à janela, pude olhar para baixo. Uma vertigem me atingiu de súbito e me fez vacilar quando percebi que estávamos a uns três mil metros de altitude. As luzes da cidade brilhavam lá embaixo e a vida corria normalmente. Passei a ver o quão pequenos somos. Será que aquelas pessoas sabiam que sobre suas cabeças pairava uma avançada nave do futuro, que as protegia diretamente de possíveis colapsos temporais? Tenho certeza que não.

– Está preparado, Alan?

– Sim!

Eeron digitou mais alguns comandos rápidos.

De repente, as estrelas e as luzes lá embaixo se tornaram um borrão, como se estivéssemos voando em círculos a uma velocidade incomensurável. Meu corpo continuou inerte, sem sentir a típica força G, que normalmente se sente quando um veículo qualquer entra em movimento, isso fez parecer que a janela estava exibindo um filme abstrato. Uma sensação de dormência tomou conta do meu corpo, até que tudo ficou escuro.

CAPÍTULO V

Meus olhos foram se abrindo devagar e, aos poucos, consegui perceber uma forte luminosidade emanando da janela à minha frente.

Era o sol.

– Com o tempo você se acostumará a isso, Alan – A voz de Aristarco soou distante e quase fantasmagórica. – Minha primeira vez também foi péssima.

Eu estava novamente sentado na cadeira. - Como vim parar aqui? - Eeron e Aristarco continuavam de pé em frente à janela, olhando para fora. O dia parecia realmente belo.

Me levantei e fui para o lado de meus dois novos amigos, a fim de olhar o que se passava lá fora. Quando minha visão foi preenchida pela paisagem, fiquei maravilhado. Ainda estávamos muito alto, mas não estávamos mais sobre o litoral catarinense.

A cidade lá embaixo era, sem dúvida, uma megalópole. O cenário parecia ter saído de um filme de ficção científica. Os arranha-céus espelhados eram altíssimos e belos, tão numerosos que se perdiam de vista ao horizonte. Aquela cidade me parecia familiar. Aninhados entre os grandes e modernos edifícios, viam-se algumas construções antigas que eu já vira antes em uma cidade que conhecia bem. Estávamos sobre São Paulo.

Nossa nave foi diminuindo de altitude aos comandos de Eeron. Vi vários veículos voadores um pouco acima dos prédios. Não

possuíam asas e eram pequenos, para quatro pessoas no máximo. Estavam respeitando certa ordem nas direções em que rumavam. Era o trânsito moderno. Mesmo com aqueles veículos modernos, o engarrafamento de carros normais lá embaixo era caótico. Pelo visto, a desigualdade social ainda estava presente nesta época do futuro.

A nave desceu ainda mais. Já estávamos flutuando por entre os prédios, o que me permitiu, pela primeira vez, visualizar os habitantes da cidade. Para alguém como eu, que não estava acostumado com a cena, aquelas pessoas que trafegavam pelas ruas pareciam saídas de um circo de horrores, ou do laboratório de algum cientista maluco. A maioria das pessoas eram algum tipo de ser híbrido que misturava o biológico e o robótico. Algumas tinham membros e partes do corpo robóticas; outras possuíam apenas a cabeça biológica original, suportada por um corpo robótico arcaico; e outras eram normais e interagiam com os seres meio homem - meio máquina, como se aquilo fosse uma trivialidade.

Notava-se uma certa falta de padrão nas criaturas robóticas. Algumas eram mais evoluídas, com movimentos suaves e realistas, outras eram, provavelmente, as primeiras a terem sido construídas, devido a seus movimentos desengonçados e a aparência austera.

Percebia-se facilmente uma escala de evolução nos corpos artificiais, mas, mesmo os mais evoluídos, em nada se pareciam fisicamente com as pessoas da minha época.

Eeron me disse que as pessoas daquela época já haviam mudado muito seu modo de ver e viver a vida. Eles eram mais ponderados,

conscientes, não tinham preconceito, todos se tratavam de igual para igual. O negro, o branco, o homossexual, a mulher, os desprovidos, os abastados, os ateus e os teístas - estes últimos eram evidente minoria -; todos conviviam harmoniosamente e em paz, sem rótulos ou discriminações.

Falou-me também sobre os avanços tecnológicos e medicinais da época. Os progressos na robótica, física, nanotecnologia e na biotecnologia foram significativos. Com o uso das células tronco, a medicina evoluiu ao ponto de erradicar quase todas as doenças do corpo humano, e de tornar possível a reanimação de pessoas congeladas há décadas nos tubos criogênicos.

Nessa época também, foram empreendidas as primeiras viagens interplanetárias com o uso da tecnologia anti gravitacional e de energia livre, além, é claro, das primeiras viagens no tempo.

Mesmo com todas aquelas mudanças extraordinárias, não era bem aquilo que eu queria ver da humanidade. Eu queria saber onde realmente poderíamos chegar. Qual seria nosso ápice evolucionário? Com certeza não o iria descobrir nesta época.

Pedi então, para que Eeron me levasse para o ano de 2.200, mas que se conservasse na mesma cidade. Ele meneou a cabeça em afirmação.

Novamente, após seus comandos, o mundo lá fora se tornou um borrão abstrato e circular. Desta vez não senti o mal estar da viagem anterior e consegui olhar todo o procedimento.

Aos poucos o borrão foi ficando mais claro e identificável. A paisagem foi tomando forma, até que a nave parou repentinamente o movimento circular que fazia, revelando assim, a cidade.

Tínhamos retornado para uma grande altura. Fitei os prédios ao redor e, para minha surpresa, vi que as coisas não haviam mudado muito. Muitas das construções continuavam lá, como há muitos anos, inclusive as da minha época. Viam-se, como era de se esperar, muitos prédios e construções mais novas, altas e complexas. A maior diferença ficava por conta da arborização, que era bem mais volumosa em relação à outra época.

Eeron foi diminuindo a altitude da nave. A princípio, achei que ele se enganara e retrocedera no tempo, em vez de avançar. As pessoas esquisitas, com seus corpos robóticos desengonçados, haviam dado lugar a pessoas comuns como as do início do século XXI, mas com vestimentas num estilo mais homogêneo e sério. Meus amigos logo me explicaram que aqueles também se tratavam de corpos robóticos, só que muito mais evoluídos que os primeiros.

Eram uma cópia perfeita do corpo humano. A pele sintética era capaz de reproduzir, com exatidão, todas as sensações da pele biológica, inclusive, dor, desejo e satisfação sexual. A única diferença, era que o portador do corpo artificial podia escolher quando sentir, ou não sentir, tais sensações.

Mal se podia distinguir quem estava no corpo artificial de quem estava no corpo real, tamanha era a semelhança e perfeição dos movimentos.

O corpo não era apenas uma cópia, era uma melhoria. Uma

maquina perfeita que proporcionava força, visão de longo alcance, térmica e noturna; velocidade, opção de não sentir a dor; era possível se conectar a qualquer tipo de mídia ou rede de comunicação a partir do próprio corpo. Era possível comunicar-se com qualquer pessoa no planeta, ou fora dele, em tempo real, sem quaisquer aparelhos adicionais. Possuía memória infinita e outros apetrechos que jamais teríamos com nosso corpo biológico. Alguns mais ousados, pediam a instalação de um gerador anti gravitacional no cerne do corpo, o que os tornava capaz de levitar. - Incrível! - Os veículos se tornaram obsoletos. Aquilo ia além das minhas expectativas.

Fiquei imaginando se Jesus Cristo não teria sido uma dessas pessoas, que viajou ao passado para exhibir seus “poderes” milagrosos. Seria fácil para um deles! Chegaria a ser engraçado.

Eeron e Aristarco falaram-me que a medicina havia chegado a seu apogeu perfeccionista. Com o uso avançado das células tronco, corpos biológicos inteiros eram construídos a partir do zero, e o cérebro dos enfermos e idosos era transplantado para eles.

As pessoas que escolhiam uma vida mais natural, sem intervenção das tecnologias avançadas como os clones ou os robôs, viviam em torno de 180 anos, pois não havia mais doença que não pudesse ser curada.

Não existia mais fome e desigualdade no mundo, porque um governo mundial havia sido instaurado, em comum acordo com todos os países do globo. Excluiu-se por completo aquilo que denominávamos como país. O mundo tornou-se um só, sem fronteiras, sem guerras.

As pessoas mudaram radicalmente seu modo de ver e viver a vida. O sistema capitalista já não era tão forte como antes. Não se glorificava mais o consumismo e o luxo, mas sim, o conhecimento e a cultura. Priorizava-se o bem estar mental, em vez do capital.

Entre outras conquistas da humanidade nesta época, estavam a utilização de 100% de energia limpa no planeta e, mesmo tendo sido controlados todos os problemas ambientais e o aquecimento global, celebramos também o começo da colonização da Lua e de Marte.

Outra mudança interessante que ocorreu nesta época foi a queda das barreiras linguísticas. Aqui, os humanos possuem duas formas distintas de comunicação. A primeira é a normal, a linguagem oral. A outra é através de aparelhos implantados no cérebro que funcionam como uma espécie de celular evoluído ou, simplesmente, como uma espécie de telepatia high tech, que permite às pessoas se comunicar com qualquer um, em qualquer lugar, em tempo real, além de ser feita uma tradução simultânea se a outra pessoa falar uma língua diferente. Provavelmente era essa a tecnologia que eles estavam utilizando para se comunicar comigo naquele momento.

Até agora, todas as previsões que eu havia feito sobre o futuro, estavam corretas. Mas minhas previsões iam para muito além de 2.200. Minha imaginação ia muito além.

Pedi, então, para que Eeron e Aristarco me levassem para 2.900. Eles concordaram, afinal, estavam gostando da minha curiosidade. Era uma qualidade notável.

Eeron fez os ajustes de praxe no painel de controle da nave e os mesmos efeitos tornaram-se visíveis lá fora.

Quando o processo terminou e minha visão foi preenchida com o novo ambiente, tomei um choque!

CAPÍTULO VI

Cerca de um terço dos prédios haviam simplesmente desaparecido. Em seus lugares encontravam-se agora lindos bosques. E muitos dos prédios que ainda permaneciam, pareciam abandonados, a maioria com vegetação, trepadeiras, árvores e animais selvagens tomando conta de suas estruturas.

Ao flutuarmos à baixa altitude, me surpreendi com a calma do local. Os carros apressados, com seus estressados motoristas, já não estavam mais lá. A multidão de pedestres que andava se

trombando pelas ruas também havia sumido. As poucas pessoas que se via pelo local, davam a impressão de estarem apenas passeando, despreocupadas com a vida. Pessoas que, aliás, logo me fizeram perceber de que época Eeron pertencia.

Com as explicações de Eeron, fiquei sabendo que a humanidade perdeu um pouco a criatividade e a sensibilidade. As cópias do antigo corpo biológico deram lugar a máquinas perfeitas, sem inutilidades como cabelos, músculos torneados, a cor típica da nossa tez, olhos pequenos com campo de visão limitados, entre outras futilidades que um corpo perfeito não necessitava. Até os órgãos sexuais não estavam presentes nesses novos corpos, pois praticamente toda a reprodução humana nesta época era feita artificialmente. Bastava uma amostra de DNA, para se produzir um descendente.

Assim, se chegou a essa máquina evoluída que Eeron e Aristarco estavam usando. Sem cabelo; caixa craniana grande para a acomodação da grande quantidade de aparelhos; olhos grandes para um maior campo visual; sem nariz, orelha ou boca salientes, já que estes não se faziam mais tão necessários. Um tronco compacto e membros longos, porém, poderosos. A cor acinzentada é, provavelmente, pela falta da necessidade de diferenciação alheia que possuíamos antigamente.

A falta de pessoas nas ruas, como eles me explicaram, era por um motivo que eu já imaginava.

Assim como a dor, a libido também podia ser ligado e desligado nesses corpos robóticos. Isso fez com que a população mundial reduzisse drasticamente, para algo em torno de dois bilhões e meio

de pessoas. O planeta estava realmente deserto para os padrões do século XXI.

No começo, os cérebros das pessoas eram transplantados para as máquinas, mas com o passar do tempo, a técnica evoluiu e se desenvolveu um novo método. Agora, em vez do cérebro, transplantavam-se apenas os neurônios para a máquina, envoltos em uma solução biológica que os mantinham vivos.

Isso gerou grandes indagações para a sociedade da época: como saberemos quem é humano e quem não é? Se transferirmos os neurônios de um recém nascido para uma máquina, ele será humano ou apenas um robô com inteligência artificial avançada? Chegou-se à conclusão de que, se fossem transferidos os neurônios de pessoas muito jovens para a máquina, esta, não poderia ser considerada humana, já que não vivera as experiências naturais que definem o “Eu” de cada um.

Estipulou-se, então, a idade mínima de 20 anos, para a transferência de neurônios para uma máquina. Se fosse feita antes disso, a pessoa não seria mais considerada humana, perdendo vários direitos sociais.

Os transplantes de cérebro inteiro não sofriam com este problema, porque, quando transplantados para um corpo artificial, eles continuavam a formar conexões entre os neurônios, gerando, assim, novas memórias. Já, quando transplantados apenas os neurônios, todas as novas experiências vividas pelo ser, são armazenadas em memórias artificiais, tornando a maior parte da mente da pessoa artificial.

Eeron continuou a fazer afirmações grandiosas sobre aquele magnífico futuro.

Disse que as leis da física deixaram de ser leis, pois todas elas podiam ser burladas ou contornadas de uma maneira, ou de outra. Tudo podia ser feito com a matéria e com as forças que a envolvem. Não existiam limites.

Não havia nada sobre os mistérios do nosso planeta, ou sobre nossos próprios mistérios, que já não fosse conhecido. As únicas áreas da ciência que ainda causavam alguma excitação, diziam respeito aos universos paralelos e à exploração de outras galáxias.

Após estas afirmações de Eeron, percebi que ainda não havia feito uma pergunta muito importante:

– Há vida em outros planetas? Vida inteligente?

A resposta de Eeron gelou minha espinha.

– Parece que nós somos, realmente, um acidente da evolução, Alan. Pelo menos até agora.

Ele continuou, me dizendo que a humanidade já havia visitado alguns milhares de planetas como a Terra, nas zonas habitáveis de suas respectivas estrelas, mas que apenas vida primitiva fora encontrada. Em alguns planetas encontraram vida microscópica em

início de desenvolvimento; em outros, encontraram estágios diferenciados de evolução biótica. Nunca encontraram nada além de alguns animais de médio porte irracionais e vida vegetal.

Meus novos amigos também argumentaram sobre a psique coletiva da época.

A humanidade se tornou extremamente sábia e mudou completamente seu entendimento sobre a vida. A sociedade, como era conhecida no século XXI, já não existe mais. Praticamente tudo estava mudado. O consumismo desnecessário, os preconceitos, as injustiças o individualismo severo; tudo isso fora eliminado do âmago das pessoas.

Mas, toda essa tecnologia avançada, trouxe algumas conseqüências negativas para a população. Uma delas era a falta de ocupação, já que praticamente nada precisava ser feito manualmente. As pessoas eram boas, mas não eram felizes, pois já não encontravam grandes motivos ou sonhos para seguirem vivendo.

A falta de mistérios acabou com o êxtase e o frenesi que existia antigamente na vida das pessoas. Isso não proporcionava espaço para grandes curiosos, sonhadores e revolucionários. Todas as revoluções já haviam ocorrido. Para a grande maioria das pessoas, a vida era extremamente monótona.

Uma desaceleração na velocidade da evolução tecnológica tornou-se visível. Quase nada de novo ou inédito se criava. Praticamente tudo já fora criado. A bola de neve da singularidade já havia parado e estava prestes a descongelar.

Se compreendi bem a ultima metáfora de Eeron, a tecnologia começará a regredir. Está aí algo que eu jamais imaginara! Isso me deixava boquiaberto. Como é possível que, mesmo com o nível evolutivo à que chegamos, possamos regredir? Não faz sentido! Não há nexo!

Aristarco logo me explicou que a humanidade não regrediu, mas apenas mudou seu modo de evoluir.

– Eeron, vamos mostrar para Alan, que tudo isso que ele viu até agora não é evolução. Pelo menos, não como ela deveria ser.– Falou Aristarco, insinuando mundo lá fora.

Começamos, novamente, a viajar pelo tempo.

Percebi que desta vez estávamos demorando mais que antes.-Pra que época estão me levando?-

Com todas as coisas incríveis que estavam acontecendo e as imagens deslumbrantes que eu presenciava, ainda não tinha reparado nos pequenos numerais no painel, que mudavam para valores mais altos a uma grande velocidade.

Ao lado direito dos números, havia dois símbolos em verde cintilante que lembravam um “d.” e um “C.”.

Após uma longa espera, os números pararam no 4.000.

Agora estava claro para mim em que época estávamos: 4.000 d. C.

Quando esquadrinhei o local, fiquei perturbado.

A grandiosa cidade não estava mais lá. Pelo menos, não como antes! Por entre a densa floresta, ainda se via as ruínas dos grandes prédios e das construções que ali se situavam. A cidade voltara a ser o que era antes da colonização européia: uma mata fechada, fervilhante de vida selvagem.

Olhei para meus amigos, atônito, tentando garimpar alguma informação.

– Mas o que significa isto? O que aconteceu à cidade e às suas pessoas?

– A cidade foi abandonada há muitos anos – Respondeu Eeron. – Se quiser ver onde estão seus habitantes, teremos de nos locomover alguns quilômetros. – Concluiu.

Nos movimentávamos a uns 40.000 Km/h, sobre a bela floresta. A alta velocidade fazia com que a densa mata parecesse um tapete verde.

A nave parou de súbito. Novamente não senti a “força G” que deveria ter sentido com um movimento tão brusco como aquele. Estava ante meus olhos, uma das últimas coisas que imaginava ver nessa época. Ao longe, num clarão na floresta, avistei uma aldeia com aproximadamente 100 casinhas, que mais

lembravam ocas indígenas. Cobertas com palha e circulares, eram de tamanho pequeno, cabendo, no máximo, três ou quatro pessoas cada.

Ao redor das choupanas, algumas pessoas simples trabalhavam despreocupadas com nossa presença. Elas vestiam roupas rústicas, quase ancestrais, e calçavam abarcas. Eram pessoas, aparentemente, primitivas. Os homens eram barbudos e cabeludos. As mulheres não usavam nada que aparentasse cuidado com a vaidade, tão comum às mulheres desde o início da sociedade.

Entre as pessoas estavam vários animais, alguns, inclusive, que eu pensava que estavam extintos, e até animais ferozes vivendo em harmonia com as pessoas.

Não avistei nenhum carro, nave, robô, ou qualquer outro aparelho de cunho tecnológico nas redondezas. Mesmo assim, eles não se importavam com a presença da nossa incrível nave.

Eu ainda estava tentando descobrir o que aquelas pessoas possuíam de evoluídas, já que pareciam ter regredido milênios no quesito tecnológico. Mas eu sabia que Eeron não havia se enganado. Alguma coisa eles deviam ter de especiais e eu ansiava por saber.

Segundo Eeron e Aristarco, a riqueza e a qualidade daquelas pessoas não eram a tecnológica ou a material, mas sim, a riqueza mental. Eles são uma espécie de evolução do homo sapiens. São a evolução natural do ser humano, estão um passo à frente na linha biológica da nossa raça. São pessoas boas a um nível extremo,

incapazes de fazer mal até mesmo a um inseto, contudo, cada um vive em seu solitário intelecto.

Mesmo sem nenhum aparato tecnológico implantado em seus cérebros, a sabedoria deles é tão grande, que os filósofos mais sábios do passado passariam vergonha intelectual perante eles.

Como resultado das infindáveis horas de meditação, começaram a desenvolver novas qualidades, como a telecinesia, telepatia e outros "truques", sem nenhum aparato artificial, tamanho o poder de suas mentes.

Nunca imaginei que esse tipo de poder mental fosse possível, mas com tudo aquilo que eu estava vivenciando, não duvidava de mais nada.

Quando Eeron falou sobre telepatia, foi aí que me dei conta de que não possuía nenhum tipo de aparelho implantado em meu cérebro.

Então, como eu estou conversando telepaticamente, durante todo esse tempo, com os dois?

O comentário de Eeron estremeceu em meu interior; reverberou em meu Ser e respondeu a várias perguntas sobre minha própria vida.

– Você é um deles, Alan! Você não é um homo sapiens, é a evolução de um. Um acidente da natureza, uma troca de informações, te fez nascer na época errada.

Com aquelas palavras latejando em meu inconsciente e a cabeça

rodopiando, notei que aporta atrás de nós se abriu e por ela entraram na sala outros seres semelhantes à Eeron e Aristarco.

Eram todos idênticos.

Eeron os foi apresentando: Isaac Newton, Charles Darwin, Leonardo Da Vinci, Adolf Hitler, que eu jamais duvidara da genialidade, apesar de tê-la usado erroneamente; Stephen Hawking, Sócrates, Albert Einstein, Nikola Tesla, entre outros, cujos nomes eu não assimilava, mas que deviam ter sido grandes pessoas em épocas que eu não conhecia.

Algumas das mentes mais brilhantes da história estavam reunidas naquele ambiente. Vieram me dar as boas vindas. Aquele era o grupo do qual, a partir de agora, eu faria parte.

Agora minha vida seria uma total incógnita, e isso me excitava, me arrepiava, e me causava medo, um medo que eu adorava sentir.

Finalmente eu estava feliz. Poderia, então, fazer algo de bom e importante pelo planeta.

Mesmo com todo o furor e alegria que eu estava sentindo, ainda faltava algo, talvez fosse alguma pergunta que ficara pra trás. Sim! Era uma pergunta!

Uma pergunta extremamente óbvia, mas que eu ainda não havia feito.

Olhei compenetrado para Eeron e indaguei:

– Quem foi Jesus Cristo?

– Essa é uma pergunta que teremos de viajar alguns milênios para o futuro, para que você possa VER a resposta...

FIM

WhatsApp: +55 41 9929-9757